



LOUVOR AO TRIUNFO DIVINO

Vestígios do Misticismo Apocalíptico Paulino em 2 Cor 2,14-17

Jonas Machado*

Resumo

Dentro da mais ampla pesquisa recente sobre a Apocalíptica e o Misticismo da Mercavá nas cartas de Paulo, este artigo procura demonstrar os vestígios deste misticismo em 2 Cor 2,14-17 por meio de uma análise exegetica dos temas principais “triunfo”, “fragrância” e “dignidade” nesta perícope.

Palavras-chave: Paulo; Coríntios; Misticismo apocalíptico; Misticismo da Mercavá.

Abstract

Within the broadest recent research of the Apocalyptic and Merkabah Mysticism in Paul's letters, this article strives to demonstrate the tracks of such a mysticism in 2 Cor 2,14-17 by an exegetical analysis of the main subjects “triumph”, “fragrance” and “dignity” in the pericope.

Keywords: Paul, Corinthians, Apocalyptic Mysticism, Merkabah Mysticism.

Introdução metodológica

Falar de Paulo em termos de “misticismo” levanta suspeitas logo de início. Uma das razões é porque este apóstolo seguidor de Jesus é quase unanimemente visto como um

* Mestre em Teologia (FTBSP), Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e pós-Doutorando em História Antiga (UNICAMP). Atua como professor de Exegese do Novo Testamento e disciplinas afins na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Endereço eletrônico: machadojs21@terra.com.br.

grande teólogo e pensador – “o primeiro e maior teólogo cristão”, como inicia o livro de James Dunn.¹ Misticismo não combina nada com o pressuposto racionalista e anacrônico – diga-se de passagem, por trás do estereótipo de “teólogo” ao qual Paulo ficou historicamente confinado.²

Falar de “misticismo de Paulo” também evoca logo o famoso nome de Albert Schweitzer, cujo também famoso livro sobre Paulo tem justamente este título.³ Embora esta obra tenha sido uma alternativa à tese tradicional da centralidade da justificação pela fé na teológica paulina, ela apresentou um misticismo conceitual e teológico demais, definido pelo próprio Schweitzer como desenvolvido e pertencente ao âmbito da escatologia judaica.

Mas o que se quer dizer com “misticismo” então?

“Misticismo” é geralmente definido como experiência religiosa interior que acompanha fenômenos de visões, tranSES e estados de êxtase e que, em alguns casos, denota uma *unio mística*, isto é, uma unificação com o divino.⁴

Mas o termo nesse artigo tem conotações ligadas ao estudo do misticismo judaico em obras recentes. Gershom Scholem, embora fale desse fenômeno genericamente como “experiência fundamental do eu íntimo que entra em contato imediato com Deus ou com a Realidade metafísica”, afirma que se trata de um estágio bem definido no desenvolvimento histórico da religião e que aparece sob condições bem definidas. Para ele, não há misticismo como tal, mas apenas misticismo de um sistema religioso particular.⁵

Partindo desta perspectiva de Scholem, esse artigo considera a hipótese de que Paulo estava inserido num misticismo judaico-cristão com características próprias como ascensão celestial (2 Cor 12,1ss), transformação por visão (2 Cor 3,7-4,6) e revelação de segredos celestiais (1 Cor 2,6ss; Rm 1,17;3,21; Gl 1,15-16) que era comum em seu tempo.

¹ DUNN, James D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003, p.25.

² ROWLAND, Christopher C. *Christian Origins: The Setting and Character of the Most Important Messianic Sect of Judaism*. Wiltshire: Cromwell Press, 2002, p.193.

³ SCHWEITZER, Albert. *O Misticismo de Paulo o Apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003.

⁴ RINGGREN, Helmer. “Mysticism”. In: D. N. Freedman (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. Vol.4 K-N. New York: Doubleday, 1992, p.945-946.

⁵ ,SCHOLEM Gershom. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.6-8.

Neste sentido, Paulo era tanto um místico como um apocalíptico porque o misticismo judaico do primeiro século era apocalíptico.⁶

Nesse caso, a distinção/similaridade entre apocalíptica e mística judaica diz respeito a *gêneros literários* diferentes facilmente distinguíveis, mas que relatam *experiências religiosas* semelhantes.⁷ Assim, “misticismo apocalíptico”⁸ reúne gêneros literários distintos que narram ou pressupõem experiências e práticas religiosas similares, como viagens celestiais, visões extáticas e transformação – ligados à experiência paulina, como nas citações acima.

Mas não podemos falar de misticismo judaico sem mencionar o misticismo da *mercavá*.

Mercavá ou “misticismo da *mercavá*” se refere a uma literatura judaica que gira em torno da *mercavá*, uma palavra hebraica que significa “carruagem”, aludindo a uma experiência visionária da glória de Deus numa espécie de “trono-carruagem”. Esta palavra deriva de 1 Cr 28,18 que fala da “carruagem do querubim” que suportava a Arca da Aliança no Santo dos Santos e foi bem cedo ligada às visões de Ezequiel conforme Eclo 49,8 e o fragmento dos Manuscritos do Mar Morto 4Q385 frag. 4.⁹ O termo está geralmente ligado a um tipo de misticismo que tem na visão de Ez 1 uma fonte primária como seu texto mais importante, mas que recebeu desenvolvimento na literatura mística judaica posterior, de modo especial na apocalíptica.¹⁰

⁶ SEGAL, Alan F. *Paul the Convert: The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee*. New Haven/London: Yale University Press, 1990, p.34.

⁷ SEGAL, *Paul the Convert*, p.38; SEGAL, Alan F. *Life after Death: A History of the Afterlife in the Religions of the West*. New York: Doubleday, 2004, p.410.

⁸ As definições desse tipo são úteis para fins de clareza, ainda que seja necessário lembrar, com Meeks, que o uso delas cria certa abstração, até porque os religiosos antigos não as usaram para definir suas próprias crenças. Cf. MEEKS, Weyne A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos: o Mundo Social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.261. Poderíamos até mesmo falar em “escatologia apocalíptica”. Segundo COLLINS, John J. Escatologia Apocalíptica como a Transcendência da Morte. In: Paulo A. de S. Nogueira (ed.). *Religião de Visionários. Apocalíptica e Misticismo no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005, p.81-82, embora de grande peso teológico, as conotações de “escatologia” e “apocalíptica” estão longe de serem claras. Mas, para ele, “é universalmente aceito” que ambos os conceitos “possuem alguma expectativa de futuro”, o que deseja destacar com o uso da expressão “escatologia apocalíptica”. A expressão até caberia em nosso artigo, mas com foco um pouco diferente. Queremos justamente destacar o aspecto proléptico, antecipado, da escatologia, presente na apocalíptica das viagens celestiais, visões e revelações de mistérios.

⁹ Este último traduzido em GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.331 por “A visão que viu Ezequiel [...] o brilho do carro, e quatro seres viventes ...”.

¹⁰ SCHOLEM, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*, p.41; SEGAL, Alan F. *The Other Judaism of Late Antiquity*. Atlanta: Scholars Press, 1987, p.25; MORRAY-JONES, C. R. A. The Temple Within: the Embodied Divine and its Worship in the Dead Sea Scrolls and Other Early Jewish and Christian Sources. In: *Society of Biblical Literature Seminar Papers* 1.37 (1998): 400-409.

Exegese do texto

Após essa breve introdução, e dada a nossa perspectiva de abordagem, podemos nos voltar agora para a perícopa paulina proposta para esse estudo.

Depois de encerrar um trecho de caráter mais narrativo de explicação quanto às suas visitas aos coríntios, em 2 Cor 2,14 Paulo inicia uma passagem de cunho teológico mais pesado. Já propomos em outro lugar¹¹ que 2 Cor 3,1-4,6 está intimamente ligado com o misticismo da *mercavá*, especialmente a experiência de transformação e contemplação da glória de Deus espelhada na experiência de Moisés de ascensão ao Sinai e contemplação da glória divina. Nessa mesma carta também está, aliás, o enigmático arrebatamento de Paulo até o terceiro céu, ao paraíso (2 Cor 12,1ss) – uma experiência típica do misticismo da *mercavá*.

Nesse pequeno artigo, nos propomos a demonstrar que também esse trecho introdutório, 2 Cor 2,14-17, apresenta vestígios do misticismo apocalíptico da *mercavá* que, ao que parecem demonstrar as evidências, fez parte da experiência e fé de Paulo. Para nossos propósitos, iniciamos apresentando a nossa tradução do trecho:¹²

14 A Deus, porém, graças, ao que sempre triunfa [sobre] nós no Cristo e
o cheiro do conhecimento dele manifesta através de nós em todo lugar;
15 porque de Cristo bom perfume somos para Deus nos que são salvos e
nos que se perdem,
16 a estes cheiro de morte para morte, àqueles, porém, cheiro de vida
para vida. E para estas coisas quem é digno?
17 pois não somos como a maioria que mercedeja a palavra de Deus,
mas como de pureza, como de Deus diante de Deus em Cristo falamos.

O particípio grego traduzido aqui por “manifesta” (v.14) e o adjetivo “digno” (v.16) representam temas que serão repetidos no parágrafo seguinte (2 Cor 3,1ss). São os conceitos de “manifestação/revelação” e “suficiência/dignidade” que oferecem as ligações com a seqüência. Esses termos ressaltam que a autoridade do ministério apostólico de

¹¹ MACHADO, Jonas. *O Misticismo Apocalíptico do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2009, p.196-267.

¹² Tradução feita a partir do *Novum Testamentum Graece*. post Eberhard e Erwin Nestlé. 27ª ed. rev. Barbara Aland (et. al. eds.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

Paulo está relacionada com a autenticidade da mediação paulina da revelação cristológica de Deus para o mundo.

O trecho é iniciado (v.14) com uma ação de graças ou louvor¹³ dirigida “a Deus” que é o sujeito dos participios seguintes aqui traduzidos por “triunfa” e “manifesta”. Há pelo menos três temas que dão sinais de um contexto místico apocalíptico: a) o triunfo, b) o perfume e c) a dignidade.

a) O triunfo

Pelo menos desde Calvino¹⁴ “que nos conduz em triunfo” é a tradução mais comum para a frase grega *thriambeúonti hemás* que aparece no início do versículo 14, adotada em várias versões da Bíblia.¹⁵ Calvino rejeita o sentido literal “que triunfa [sobre] nós” e entende que Paulo mudou o significado normal deste verbo. Nesta interpretação do reformador, Paulo tem participação no triunfo divino. Até em Liddell e Scott este sentido metafórico é indicado para o verbo nesta passagem.¹⁶

Todavia, além de não existir apoio léxico para esta tradução, a retórica de 2 Coríntios parece favorecer o sentido literal.¹⁷ Invariavelmente o verbo grego *thriambeúo* significa “triunfar” seguido do objeto que indica sobre o que ou quem se triunfa, como na única outra ocorrência do verbo no Novo Testamento em Cl 2,15. O objeto do verbo que corresponde ao acusativo grego sempre se refere aos vencidos que são levados na marcha triunfal e nunca ao vencedor ou aos que participam da vitória.¹⁸ Neste caso, Paulo¹⁹ se vê como um prisioneiro (escravo de Cristo) levado na marcha triunfal divina.²⁰

¹³ A frase “graças a Deus” é uma expressão curta de ação de graças ou louvor comum em Paulo. Além daqui, ela aparece em Rm 6,17;7,25; 1 Cor 15,57; 2 Cor 8,16;9,15. O'BRIEN, Peter T. Thanksgiving within the Structure of Pauline Theology. In: D. A. Hagner e M. J. Harris (eds.). *Pauline Studies: Essays Presented to F. F. Bruce*. Devon/Grand Rapids: Paternoster Press/Eerdmans, 1980, p.60-61.

¹⁴ CALVINO, João. *2 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1995, p.54.

¹⁵ Este sentido calvinista é adotado na ARC, ARA, NVI, TEB, BJ. Aproximam-se do sentido literal do verbo a BLH e NTLH ao traduzirem “somos sempre conduzidos por Deus como prisioneiros no desfile vitorioso de Cristo”.

¹⁶ LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1985, p.806.

¹⁷ BAUER, Walter (trad. e adap. de W. F. Arndt e F. W. Gingrich). *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2000, p.459.

¹⁸ “tendo triunfado [sobre] eles”. Neste caso o pronome no acusativo grego traduzido aqui por “eles” se refere aos “principados e as autoridades” citados na primeira parte do versículo. HAFEMANN, Scott J. *Suffering & Ministry in the Spirit. Paul's Defense of His Ministry in II Corinthians 2:14-3:3*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p.31.

¹⁹ A maioria dos exegetas considera que o pronome “nos” no plural é epistolar de referência ao próprio Paulo. Ou, pelo menos, principalmente a Paulo. THRALL, Margaret E. *A Critical and Exegetical Commentary on*

Mas de que marcha triunfal fala Paulo e qual é seu papel nela?

O referido verbo, que deu origem ao latim *triumphare/triumpbus* (daí o português “trunfar/trunfo”), era usado para a entrada solene em Roma de um general vencedor que se dirigia ao Capitólio para agradecer aos deuses. Era uma marcha religioso-militar organizada hierarquicamente trazendo os despojos e os prisioneiros de guerra a partir da *porta triumphalis*, onde o general vencedor entrava no templo de Júpiter Capitolino, depunha sua coroa, e oferecia sacrifícios.²¹

Portanto, trata-se de um vocábulo bem específico que evoca uma imagem, uma metáfora. Mas é preciso rastrear as evidências para saber até que ponto esta imagem foi usada ou mesmo transformada por Paulo.

É bem provável que exista aqui uma relação do quadro do prisioneiro de guerra levado em marcha triunfal para ser executado ou escravizado com as ênfases de Paulo no seu sofrimento e iminência de morte como apóstolo.²²

Contudo, é preciso observar que o foco do texto está mais no triunfo glorioso de Deus do que na humilhação e sentença de morte do prisioneiro. Hafemann concluiu que o papel dos prisioneiros que são levados em marcha triunfal é manifestar a glória do conquistador. Mas o quadro pode ter sido mais colorido do que o preto e branco assumido por ele de que a marcha triunfal romana e conseqüente humilhação e execução de prisioneiros é a *única* imagem evocada pelo texto.²³

the Second Epistle to the Corinthians. Vol. I. Edinburgh: T. & T. Clark, 1994, p.195-196. HAFEMANN, *Suffering & Ministry*, p. 12-15 faz ampla análise e chega a esta conclusão comum.

²⁰ TDNT. Vol. I, p.452-454.

²¹ CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p.792; FERREIRA, A. G. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto Editora, 1995, p.1176; BRANDÃO, J. de S. *Dicionário Mítico-Etimológico: Mitologia e Religião Romana*. Petrópolis/Brasília: Edunb/Vozes, 1993, p.296-297.

²² HAFEMANN, Scott J. *2 Corinthians*. Grand Rapids: Zondervan, 2000, p.107-110, cita 1 Cor 4,8-13; 15,31; 2 Cor 1,3-11; 4,7-12; 6,3-10. Em obra anterior, Hafemann (*Suffering & Ministry*, p.19-29) observou que a natureza severa da marcha triunfal em relação aos prisioneiros é mais horrenda do que os intérpretes normalmente reconhecem. Geralmente o rei vencido, sua família e pessoas próximas eram levados e executados em público. Josefo relata o processo triunfal em que o chefe da revolta judaica chamado Simão filho de Gioras foi levado como prisioneiro na marcha e depois foi arrastado com uma corda no pescoço, espancado e executado junto ao grande mercado. Mas os prisioneiros de guerra eram também vestidos e adornados com grande beleza de modo a esconder seus ferimentos. JOSEPHUS, *Jewish War*. In: *Josephus in Nine Volumes III. Jewish War, Books IV-VII*. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann LTD, 1979, p.550-551.

²³ THRALL, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle to the Corinthians*. Vol. I, p.195; HAFEMANN, *Suffering & Ministry*, p.31-34.

Assim como o *triumphus* foi recebendo adaptações em cada lugar, como o próprio Hafemann observa, Paulo parece ter feito uso da imagem adaptando-a a seus interesses.²⁴

Visto que o general triunfante desfilava numa espécie de trono-carruagem, uma quadriga, Scott²⁵ nota que esta metáfora paulina demonstra ter afinidades com o trono-carruagem de Deus, isto é, a *mercavá*. Ele pensa especialmente no Sl 68,17-18 (BHS 68,18-19; LXX 67,18-19).

Este trecho, que pode ser central ao salmo, fala das “carruagens de Deus” na teofania do monte Sinai. A expressão “subiste às alturas” pode referir-se à altura celeste, mas não perde de vista a teofania sinaítica. O quadro de Iahweh em marcha num trono-carruagem rodeado por um exército celestial lembra Ez 1, Zc 14,5 e Is 66,15.²⁶

À teofania segue uma ascensão da carruagem divina ao céu com referência à prisão dos inimigos e ao espólio²⁷ que se enquadra no contexto do salmo que faz referência ao êxodo, ao Sinai e à vitória sobre os inimigos. A menção de fazer prisioneiro quem antes aprisionava lembra o cântico de Débora em Jz 5,12 e pode se referir aos egípcios aprisionados e mortos no mar por Deus.²⁸

Visto que na tradição judaica este trecho é entendido como a ascensão de Moisés e a dádiva da *Torá* a Israel em termos de uma *mercavá* mosaica de revelação,²⁹ é possível que esta seja uma introdução paulina do que será enfatizado a seguir em 2 Cor 3. Isto é, Paulo introduz sua apresentação como mediador da revelação divina em contraste com Moisés ou com certa interpretação do ministério mosaico. Tal apresentação é feita nas categorias da apocalíptica e misticismo judaico correntes nos tempos de Paulo. É nestes termos que a tradição mosaica é recebida, transformada e adaptada.

²⁴ HAFEMANN, *Suffering & Ministry*, p.20-21,30.

²⁵ SCOTT, James M. *2 Corinthians*. Peabody/London: Hendrickson Publishers/Paternoster Press, 1998, p.62.

²⁶ SCHÖKEL, L. A. e CARNITI, C. *Salmos I (Salmos 1-72): Tradução, Introdução e Comentário*. São Paulo: Paulus, 1996, p.859-860. KRAUSS, Hans-Joachim. *Los Salmos. Sal 60-150*. Vol. II. Salamanca: Sigueme, 1995, p.79-88. É amplamente discutível a unidade deste salmo tendo em vista a corrupção do texto e desencontros estruturais, o que não necessita ser abordado aqui.

²⁷ “subiste às alturas, levaste cativo o cativo, tomaste dons entre os homens”. Assim SCHÖKEL e CARNITI, *Salmos I*, p.860.

²⁸ KIDNER, Derek. *Salmos 1-72, 73-150*. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1981, p.263.

²⁹ SCOTT, *2 Corinthians*, p.63.

Mas este quadro pintado por Paulo não poderia deixar de ter cores cristológicas. Pois é “em o Cristo” que o *triumphus* divino acontece. Como resultado de sua ressurreição e ascensão, Cristo é visto assentado no trono-carruagem à direita de Deus, como em Mc 14,62.³⁰

O mesmo salmo é interpretado cristologicamente na tradição da escola paulina em Ef 4,8 relativo ao tema dos dons espirituais, tema este também em evidência na relação de Paulo com os coríntios, embora com conotações díspares.³¹

Esta cristologia efésia do Sl 68 é o terceiro estágio de um salto hermenêutico que teve o segundo na interpretação rabínica. Ao invés de Deus, os rabinos interpretaram Moisés como sujeito. É ele quem experimenta uma ascensão celestial e recebe a *Torá*.

Markus Barth³², ao analisar Efésios, menciona os textos rabínicos em que Moisés é colocado como sujeito no referido salmo³³ e argumenta que o autor teria dado um passo além quando aplica a Jesus a referência a Moisés. Este recebeu um poder que ninguém jamais tinha recebido, ultrapassado apenas por Jesus, conforme a cristologia do autor da carta.

Embora a referência rabínica seja tardia, as tradições de ascensão e divinização mosaicas são bem antigas e já existiam no tempo de Paulo, como já abordamos em outro lugar.³⁴

Portanto, ainda que se julgue que os dados não dão subsídios para comprovação mais contundente, esta abordagem faz bastante sentido como introdução e parte integrante da ênfase no texto que segue (2 Cor 3,1-4,6) sobre a glória de Moisés no contexto da *mercavá*.³⁵

³⁰ Ibid, p.64.

³¹ Ao que parece, em 1 Coríntios os dons são de natureza mais carismática mas em Efésios, onde não há destaque para os “carismas”, eles são mais institucionalizados.

³² BARTH, Markus. *Ephesians: Translation and Commentary on Chapters 4-6*. New York: Doubleday, 1974, p.472-477.

³³ São catalogados em STRACK, H. M. e BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*. Vol. III. München: C. H. Beck, 1985, p.596-598.

³⁴ MACHADO, Jonas. O Mito do Moisés Divino Entronizado nos Céus. In: *Oracula* 1.2 (2005): 27-40. Disponível em www.oracula.com.br

³⁵ Embora vários intérpretes ao longo da história da interpretação tenham visto a “Nova Aliança” como tema central dessa passagem, como se pode ver, por exemplo, nos títulos dados a este trecho nas traduções correntes, a ênfase paulina está em “glória”, termo repetido 13 vezes em 2 Cor 3,7-18. O termo aliança, além

b) O perfume

Na seqüência, Paulo introduz outro aspecto metafórico. Ele fala da revelação de que é mediador em termos de exalar o “cheiro do conhecimento dele/perfume de Cristo”. Esta é também uma imagem multicolorida.

Furnish e Thrall³⁶ enumeram as várias possibilidades e dificuldades de enquadrar este aspecto numa única metáfora. Destacam-se as possíveis relações com o sistema de sacrifícios da Bíblia Hebraica ou com os próprios perfumes exalados no *triumphus*.³⁷

Conforme Hafemann, a expressão “cheiro de perfume”, que une as duas palavras empregadas por Paulo aqui, constitui um *terminus technicus* para o odor agradável do sacrifício oferecido a Deus na LXX.³⁸ Embora estas palavras ocorram geralmente em forma de expressão composta, também aparecem separadas em Eclo 24,15 que, para Hafemann, tem ligação especial com 2 Cor 2,14ss. Ele conclui que as palavras juntas ou separadas no mesmo contexto têm sentido técnico de fragrância de sacrifício agradável a Deus.

É muito provável que Eclo 24,15 esteja em âmbito cultural bem como este trecho paulino. Embora isso seja rejeitado por Furnish,³⁹ em sua citação do versículo de Eclo ele não inclui e não observa que o final “como odor de incenso no tabernáculo” indica ambiente cultural.⁴⁰

Em meio a isso, é perspicaz a observação feita por Hafemann⁴¹ quanto à possível relação deste texto paulino com a tradição da sabedoria. Ele nota que a sabedoria

daqui, só aparece em textos paulinos em 1 Cor 11,25. Em todo o *corpus paulinum*, o contraste nova *versus* velha aliança só aparece em 2 Cor 3.

³⁶ FURNISH, Victor P. *II Corinthians*. New York: Doubleday, 1984, p.187-188; THRALL, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle to the Corinthians*, p.196-208.

³⁷ É comum a conjectura de BARCLAY William. *The Letters to the Corinthians*. Philadelphia: The Westminster Press, 1975, p.184 e BRUCE, F. F. *I & II Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978, p.188, que relaciona as palavras de Paulo ao significado do odor do incenso para cada grupo participante. Para os participantes vitoriosos é cheiro de alegria, para os prisioneiros derrotados é cheiro de morte por execução. Assim a proclamação do evangelho paulino é cheiro de vida para os que crêem e cheiro de morte para os que não crêem. A relação é sugestiva, embora possa ser questionada, pois ainda que existam relatos helenísticos do uso de incenso no cortejo triunfal, a evidência não é contundente. MARTIN, R. P. *2 Corinthians*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1986, p.47; THRALL, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle to the Corinthians*, p.197.

³⁸ HAFEMANN, *Suffering & Ministry*, p.39-43. Ele cita Gn 8,21; Ex 29,25.41; As várias ocorrências nos primeiros capítulos de Lv, em Nm 15 e 28, além de Ez 6,13;16,19;20,28. No *corpus paulinum* ocorre em Fl 4,18 e Ef 5,2.

³⁹ FURNISH, *II Corinthians*, p.188.

⁴⁰ RENWICK, David A. *Paul, the Temple, and The Presence of God*. Atlanta: Scholars Press, 1991, p.85.

⁴¹ HAFEMANN, *Suffering & Ministry*, p.43-45.

personificada como fragrância em Eclo 24,15 é identificada como irradiação da glória de Deus (Sb 7,25) e o próprio “espírito” (Sb 7,22;9,10.17). A função do poder do espírito, continua Hafemann, é justamente capacitar alguém a entender os caminhos de Deus, de outro modo ocultos (Sb 7,22.27;9,2.5.9-18). Ele conclui que a sabedoria personificada como “perfume”, “poder”, “glória” e “espírito” com função de revelar os caminhos de Deus está no contexto desta passagem e de 1 Cor 1,18-2,16. Destaca especialmente a relação de “sabedoria” e “espírito” em 1 Cor 2, em que a possessão do espírito é condição *sine qua non* para ter acesso à sabedoria de Deus.⁴²

Mas o que Hafemann não considera é a possível relação destes conceitos com o misticismo e apocalíptica correntes no tempo de Paulo. O que ele chama de “cross-cultural communication” (comunicação cultural cruzada) em comentário posterior desta passagem⁴³ merece abordagem mais ampla. Não basta apenas o limite de uma relação de conotação canônica dos sacrifícios do chamado Antigo Testamento com o *triumphus* romano.

A sabedoria não tinha necessariamente o sentido mais racionalista moderno de “erudição” ou de “sabedoria da vida adquirida pela experiência”. Na apocalíptica pré-rabínica, na literatura de sabedoria mântica e em Qumran, o sentido era de conhecimento esotérico, revelado. Algo, na verdade, bem comum no período.⁴⁴ Isto é, a sabedoria não era o resultado de muito estudo ou da experiência adquirida pelos vários anos de vida, mas era um dom divino sobrenatural de revelação.

Daí, este “cheiro de conhecimento” está mais para revelação apocalíptica, recebida de Deus, que Paulo transmite em seu apostolado.

James Scott sugere que a mesma tradição da *mercavá*, que pode bem estar por trás deste texto, inclui o conceito de “fragrância” evocado. Embora Hafemann se indisponha a concordar, existem sugestivas evidências de um contexto cultural visionário que inclui elementos olfativos.⁴⁵

O 2 Hen 8,1-3 relata:

⁴² É também notório que o tema do “espírito”, embora não apareça explicitamente em 2º Cor 2,14-17, é uma das ênfases no texto seguinte e revela a viabilidade desta conexão. HAFEMANN, *Suffering & Ministry*, p.46.

⁴³ HAFEMANN, *2 Corinthians*, p.111.

⁴⁴ MORRAY-JONES, C. R. A. The Jewish Sources. In: *Harvard Theological Review* 86.2 (1993): 4.

⁴⁵ SCOTT, *2 Corinthians*, p.64; HAFEMANN, *2 Corinthians*, p.110.

Sobre a tomada de Henoc para o terceiro céu. Palavra “7.”

E aqueles homens tomaram-me dali, e me elevaram para o terceiro céu, e me colocaram ali. Então eu olhei para baixo e vi o Paraíso. E aquele lugar é extraordinariamente agradável.

E vi as árvores plenamente floridas. E seus frutos eram maduros e de cheiro agradável, com toda a comida em fruto e emitindo profusamente uma fragrância agradável.

E no meio (deles estava) a árvore da vida, naquele lugar onde o SENHOR descansa quando vem ao paraíso. E aquela árvore é indescritível por causa da condição agradável e fina fragrância, e mais bela que qualquer (outra)

coisa criada que existe.⁴⁶

A proximidade desta passagem com 2 Cor fica por conta da menção do paraíso no terceiro céu, uma tradição empregada por Paulo na já abordada narrativa de sua ascensão em 12,1ss, que é a mais antiga na apocalíptica, embora menos comum que a de sete céus.⁴⁷ A fragrância dos frutos das árvores do paraíso, lugar da presença de Deus, é aí enfatizada, num contexto visionário típico. Portanto, trata-se de tradição que associa os aromas ao misticismo da *mercavá*.

2 Br 67,6 contrasta o cheiro da justiça da lei com o cheiro da impiedade, num trecho visionário de um livro que tem paralelos consideráveis com 2 Coríntios e outras cartas paulinas. Em 1 Hen 24 e 25 também ocorre uma referência à fragrância da árvore da vida num contexto visionário apocalíptico.⁴⁸

c) *A dignidade*

A tentativa de encontrar paralelos exatos para explicar esse texto paulino tem levado exegetas a se verem em dificuldades para elucidar os detalhes. Pois é bem possível

⁴⁶ Traduzido do inglês em *OTP*. Vol. I, p.114.

⁴⁷ MORRAY-JONES, *The Jewish Sources*, p.11.

⁴⁸ *OTP*. Vol. I, p.25-26,615,619,644.

que o quadro seja colorido, que traga tons de várias tradições relativas ao sacrifício, à lei⁴⁹ e à sabedoria.⁵⁰ Mas, mesmo que os paralelos sejam inexatos e mistos, as evidências são de que o âmbito é o do misticismo apocalíptico.

Neste caso pode ser que a própria força da pergunta retórica no versículo 16 “e para estas coisas quem é digno?” esteja relacionada também com o aspecto assombroso da revelação de mistérios,⁵¹ além do resultado de morte ou vida para os que rejeitam ou aceitam o evangelho de Paulo.⁵² Em Jl 2,11 na LXX a pergunta semelhante “e quem será digno para ele?” tem caráter escatológico com referência ao “dia de Iahweh”.

Hafemann⁵³ notou uma possível relação desta “dignidade” com o texto mosaico da sarça ardente. Ali (Ex 4,10) Moisés declara que não é “digno” (LXX).⁵⁴ Mas a dignidade lhe é conferida por Deus em termos de ascensão ao Sinai e dádiva da lei, dando-lhe condições e capacidade para a tarefa – experiência que Israel acompanhou à distância amedrontado e assombrado devido ao perigo de morte na presença de Deus (Ex 19,12-13.21 *et passim*).

Esta dignidade mosaica, sua ascensão ao Sinai e esplendor facial, foi entendida na recepção posterior como transformação, glorificação celestial e entronização, como já foi observado em outro artigo nosso.⁵⁵

É comum nos *Heykhalot*⁵⁶ a discussão sobre quem é “digno” de ascensão/descida à *mercavá* para ver o trono da glória.⁵⁷ Expressões do tipo “o homem que desce para a *mercavá*

⁴⁹ T. W. Manson desenvolveu a hipótese, aparentemente adotada por MARTIN, *2 Corinthians*, p.48, de uma relação deste texto com o conceito da lei como medicina ou droga, comum na literatura rabínica. Para Israel ela é medicina, mas para os “gentios” é droga. Assim, em termos paulinos, a proclamação do evangelho seria medicina ou droga dependendo da aceitação ou rejeição.

⁵⁰ THRALL, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle to the Corinthians*, p.207.

⁵¹ Medo e estupor estão geralmente relacionados à experiência com o sagrado. NOGUEIRA, Paulo A. de S. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.78.

⁵² É possível considerar que “nos que são salvos” se refere a “de morte para morte” no sentido de que experimentam o poder da morte de Cristo (5,14) e que “nos que se perdem” corresponde a “de vida para vida” porque encontram o poder da ressurreição de Jesus e são salvos da destruição. Neste caso o resultado seria positivo para ambos os grupos, mas isto não faz muito sentido por que o evangelho está velado “aos que se perdem” (4,3). Estas expressões, entretanto, são de caráter apocalíptico. Veja as considerações em THRALL, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle to the Corinthians*, p.203 e GEORGI, Dieter. *The Opponents of Paul in Second Corinthians*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1987, p.233,285.

⁵³ HAFEMANN, *2 Corinthians*, p.113.

⁵⁴ Esta possível alusão paulina a Ex 4,10 envolvendo a questão da dignidade mosaica tem sido bem reconhecida na literatura recente. SCOTT, *2 Corinthians*, p.92.

⁵⁵ MACHADO, O Mito do Moisés Divino Entronizado nos Céus, p.27-40.

⁵⁶ Este termo hebraico significa “santuários” ou “palácios”. Refere-se aos palácios celestiais pelos quais o visionário passa em sua ascensão até o sétimo e último destes palácios, onde está o trono de Deus. Este veio a

aquele que é puro/inocente” e perguntas do tipo “quem é aquele que é puro/inocente ?” são típicas nos *Heykhalot*.

A questão da dignidade para “aquele que desce para a *mercavá*” está relacionada com a pergunta “quem é aquele que invoca a Lei os Profetas e os Escritos e continuamente os inculca e busca andar, contar e explicar ... ?”.⁵⁸

Este tipo de concepção é o que Paulo expressa na seqüência. Renwick⁵⁹ procurou demonstrar que as expressões “de pureza” e “diante de Deus” em 2,17 apontam para um contexto litúrgico desta proclamação da “palavra de Deus”.

O caso é que a tradução comum denotando “sinceridade”⁶⁰ para a primeira expressão acima (grego – *ex eilikrinéias*) provavelmente não é a mais exata. Renwick acredita que a partir dos poucos usos paulinos desta palavra, como em 1 Cor 5,8 e Fl 1,10, e do seu sentido literal original de “pureza”, é possível concluir que o termo refere-se à pureza litúrgica.

Renwick também conclui que a preposição grega *katénanti*, rara nas cartas de Paulo,⁶¹ geralmente traduzida por “diante de” deve ter aqui um sentido literal e não figurado. Ou seja, Paulo pensa estar literalmente na presença de Deus, como no templo ou em outro lugar santo.

Parece que Renwick não se sente satisfeito com a tendência⁶² de interpretar esse versículo apenas no sentido de apelo retórico paulino que coloca Deus como testemunha de sua sinceridade. O que deixaria o conceito de “presença de Deus” um tanto sem conteúdo e questionaria a validade e aceitação da alegação do apóstolo.

ser o nome da maioria das obras do misticismo da *mercavá*. SCHOLEM, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*, p.44.

⁵⁷ *Ibid.*, p.93.

⁵⁸ O hebraico dos textos dos *Heykhalot* aqui mencionados pode ser encontrado em SCHÄFER, Peter. *Synopse zur Hekhalot-Literatur. In Zusammenarbeit MIT Margarete Schüter und Hans Georg Von Mutius*. Tübingen: Mohr, 1981, p.86 §199 e p.103 §234.

⁵⁹ RENWICK, *Paul, The Temple, and The Presence of God*, p.61ss.

⁶⁰ Assim ARC, ARA, TEB, BJ, NVI, NTLH.

⁶¹ Aparece somente aqui, em 2 Cor 12,19 e Rm 4,17.

⁶² Por exemplo, os comentários clássicos de PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St Paul to the Corinthians*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1915, p.74, de BARRETT, C. K. *A*

De qualquer maneira, o que importa aqui é a percepção de que ambas as expressões têm fortes associações cúlticas ligada à pureza litúrgica, isto é, à dignidade.

Mas o que Renwick não explora é este imaginário litúrgico literalista em termos de misticismo apocalíptico, com categorias mais literais no sentido de culto extático. Uma vez que o êxtase visionário de conversão e a ascensão formam a base para a teologia de Paulo,⁶³ isto é, para o modo como expressa sua fé, a afirmação de estar na presença de Deus tem naturalmente conotação mística.

Sua condição de pureza e dignidade na presença de Deus à semelhança dos místicos de seu tempo é contrastada com a acusação de que seus oponentes são os “que mercadejam”⁶⁴ a palavra de Deus. Sua linguagem, entretanto, sempre terá conotação cristã: “em Cristo falamos” visto que seu misticismo é orientado por sua experiência na comunidade seguidora de Jesus, pois geralmente a experiência religiosa individual é interpretada pelo próprio indivíduo por mediação da comunidade que o acolhe.⁶⁵

Portanto, ainda que as imagens sejam mistas, uma fundição e adaptação de tradições variadas, a linguagem típica do misticismo apocalíptico está presente desde o início, e será ainda mais desenvolvido no trecho clássico seguinte, isto é, 2 Cor 3,1-4,6.

Referências bibliográficas

BARCLAY William. *The Letters to the Corinthians*. Philadelphia: The Westminster Press, 1975.

BARRETT, C. K. *A Commentary on the Second Epistle to the Corinthians*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1987.

BARTH, Markus. *Ephesians: Translation and Commentary on Chapters 4-6*. New York: Doubleday, 1974.

BAUER, Walter (trad. e adap. de W. F. Arndt e F. W. Gingrich). *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2000.

Commentary on the Second Epistle to the Corinthians. Peabody: Hendrickson Publishers, 1987, p.104 e de FURNISH, *II Corinthians*, p.188, e também a maioria das traduções correntes.

⁶³ SEGAL, *Paul the Convert*, p.69 et passim.

⁶⁴ HAFEMANN, *Suffering & Ministry*, p.106-125, apresenta um longo estudo deste termo e conclui que ele pertence ao campo semântico mercadológico e que, por si mesmo, jamais denota a idéia de falsificação. A questão não é falsificar a mensagem no sentido hermenêutico, mas vendê-la.

⁶⁵ SEGAL, *Life after Death*, p.410.

- BRANDÃO, J. de S. *Dicionário Mítico-Etimológico: Mitologia e Religião Romana*. Petrópolis/Brasília: Edunb/Vozes, 1993.
- BRUCE, F. F. *I & II Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.
- CALVINO, João. *2 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1995.
- COLLINS, John J. Escatologia Apocalíptica como a Transcendência da Morte. In: Paulo A. de S. Nogueira (ed.). *Religião de Visionários. Apocalíptica e Misticismo no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- DUNN, James D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FERREIRA, A. G. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto Editora, 1995.
- FURNISH, Victor P. *II Corinthians*. New York: Doubleday, 1984.
- GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GEORGI, Dieter. *The Opponents of Paul in Second Corinthians*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1987.
- HAFEMANN, Scott J. *2 Corinthians*. Grand Rapids: Zondervan, 2000.
- HAFEMANN, Scott J. *Suffering & Ministry in the Spirit. Paul's Defense of His Ministry in II Corinthians 2:14-3:3*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.
- JOSEPHUS. Jewish War. In: *Josephus in Nine Volumes III. Jewish War, Books IV-VII*. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann LTD, 1979.
- KIDNER, Derek. *Salmos 1-72, 73-150*. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- KRAUSS, Hans-Joachim. *Los Salmos. Sal 60-150*. Vol. II. Salamanca: Sigueme, 1995.
- LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- MACHADO, Jonas. *O Misticismo Apocalíptico do Apóstolo Paulo. Um novo olhar nas cartas aos coríntios na perspectiva da experiência religiosa*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MACHADO, Jonas. O Mito do Moisés Divino Entronizado nos Céus. In: *Oracula 1.2* (2005): 27-40. Disponível em www.oracula.com.br
- MACHADO, Jonas. Paulo, o Visionário – Visões e Revelações Extáticas como Paradigmas da Religião Paulina. In: Paulo A. de S. Nogueira (org.). *Religião de Visionários. Apocalíptica e Misticismo no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARTIN, R. P. *2 Corinthians*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1986.
- MEEKS, Weyne A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos: o Mundo Social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MORRAY-JONES, C. R. A. The Jewish Sources. In: *Harvard Theological Review* 86.2 (1993).

- MORRAY-JONES, C. R. A. The Temple Within: the Embodied Divine and its Worship in the Dead Sea Scrolls and Other Early Jewish and Christian Sources. In: *Society of Biblical Literature Seminar Papers* 1.37 (1998): 400-409.
- NOGUEIRA, Paulo A. de S. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- O'BRIEN, Peter T. Thanksgiving within the Structure of Pauline Theology. In: D. A. Hagner e M. J. Harris (eds.). *Pauline Studies: Essays Presented to F. F. Bruce*. Devon/Grand Rapids: Paternoster Press/Eerdmans, 1980.
- PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St Paul to the Corinthians*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1915.
- RENEWICK, David A. *Paul, the Temple, and The Presence of God*. Atlanta: Scholars Press, 1991.
- RINGGREN, Helmer. "Mysticism". In: D. N. Freedman (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. Vol.4 K-N. New York: Doubleday, 1992.
- ROWLAND, Christopher C. *Christian Origins: The Setting and Character of the Most Important Messianic Sect of Judaism*. Wiltshire: Cromwell Press, 2002.
- SCHÄFER, Peter. *Synopse zur Hekhalot-Literatur*. In *Zusammenarbeit MIT Margarete Schüter und Hans Georg Von Mutius*. Tübingen: Mohr, 1981.
- SCHÖKEL, L. A. e CARNITI, C. *Salmos I (Salmos 1-72): Tradução, Introdução e Comentário*. São Paulo: Paulus, 1996.
- SCHOLEM Gershom. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SCHWEITZER, Albert. *O Misticismo de Paulo o Apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003.
- SCOTT, James M. *2 Corinthians*. Peabody/London: Hendrickson Publishers/Paternoster Press, 1998.
- SEGAL, Alan F. *Life after Death: A History of the Afterlife in the Religions of the West*. New York: Doubleday, 2004.
- SEGAL, Alan F. *Paul the Convert: The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee*. New Haven/London: Yale University Press, 1990.
- SEGAL, Alan F. *The Other Judaism of Late Antiquity*. Atlanta: Scholars Press, 1987.
- STRACK, H. M. e BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash*. Vol. III. München: C. H. Beck, 1985.
- THRALL, Margaret E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle to the Corinthians*. Vol. I. Edinburgh: T. & T. Clark, 1994.